

## **Reflexões acerca do fazer musical a partir dos saberes produzidos pelo movimento hip hop e o rap enquanto comunidades pedagógicas**

*Stefani Silva Souza  
Universidade de São Paulo  
stefanis.souza@usp.br*

**Resumo:** A partir da canção “Negro drama”, do grupo de rap Racionais MC’s, este trabalho se propõe a analisar o movimento hip hop e o rap enquanto ferramentas pedagógicas transformadoras, capazes de atuar como confluências por uma educação musical crítica, engajada, emancipatória e, principalmente, antirracista. O resultado desta reflexão aponta para além da prática docente convencional do ensino de música, reconhecendo o papel do negro na arte e cultura de nosso país, em saberes que emergem em ideais ao mesmo tempo contemporâneos e de resgate histórico, de uma memória ancestral advinda da diáspora africana.

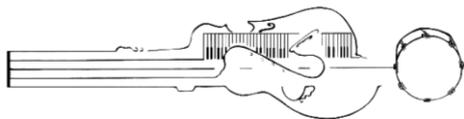
**Palavras- chave:** Hip hop; Rap brasileiro; Educação musical antirracista.

### **1. Introdução**

Pensar e considerar a pedagogia do hip hop como elemento fundamental para a ação de uma prática pedagógica musical antirracista e, conseqüentemente, emancipadora, exige que nos atentemos ao rigor e a algumas especificidades que a mesma propõe em sua complexidade. Entendendo desta forma o movimento hip hop enquanto manifestação artística cultural negra que emerge das ruas, torna-se possível estabelecer relações e propostas que nos convoque enquanto educadores a pensar, negociar e internalizar uma educação musical não convencional e, conseqüentemente, antirracista.

O valor educacional inerente ao *hip hop* deriva de sua autoconsciência, determinação e expressão. A verdadeira educação do *hip hop* é fundada na pedagogia do *hip hop* que procura processos de aprendizado alternativos e múltiplas teorias e práxis de ensino e aprendizado (AMARAL; CARRIL, 2015, p. 171).

E ao olharmos com a devida atenção e seriedade para o movimento hip hop enquanto pedagogia, mas também para o rap como um gênero musical de perspectiva negra e de quebrada, ou seja, a partir de uma perspectiva que tenha como foco o pertencimento, a identificação e o orgulho entre sujeitas e sujeitos periféricos negros (D'ANDREA, 2022), logo evocamos para a nossa docência saberes plurais e ancestrais. Essa ancestralidade se torna presente na memória do negro enquanto sujeito que carrega consigo sua subjetividade, arte e cultura representada pela sua corporeidade. Mas também é a denúncia de uma estrutura educacional que promove a discriminação cultural de práticas negras.



Se a consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira, no currículo escolar? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Ao contrário, quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra (NASCIMENTO, 2016, p. 113).

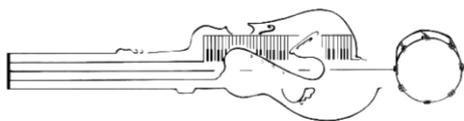
Mas para que possamos avançar nas discussões a qual este trabalho se propõe analisar e refletir através da elaboração de uma crítica à educação musical convencional, precisamos estar comprometidos pela busca e compreensão do papel do Movimento Negro na luta por uma educação crítica, emancipatória e engajada. E perceber as relações criadas em nossa sociedade que dizem respeito aos saberes negros, assumindo desta forma, um compromisso com o reconhecimento das práticas culturais, artísticas e musicais advindas da diáspora africana.

São as negras e os negros em movimento: artistas, intelectuais, operários e operárias, educadoras e educadores, dentre outros, ou seja, cidadãs e cidadãos que possuem uma consciência racial afirmativa e lutam contra o racismo e pela democracia, mas não atuam necessariamente em uma entidade ou organização específica. Todos são, de alguma forma, herdeiros dos ensinamentos do Movimento Negro, o qual, por conseguinte, é herdeiro de uma sabedoria ancestral (GOMES, 2019, p. 18).

Sendo assim, e ao que cabe ao escopo deste trabalho, busca-se através de uma breve análise e contextualização acerca dos processos de aprendizagem tradicionais versus processos de aprendizagem não convencionais de ensino em música, entender como o movimento hip hop, mas também o rap e, mais especificamente, algumas narrativas do grupo Racionais MC's, são capazes de atuar como ferramenta pedagógica para uma educação crítica, engajada, emancipatória e, principalmente, antirracista. Tendo como principal objeto a relação do jovem negro que habita as grandes periferias do Estado de São Paulo.

Mesmo que em um primeiro momento essas discussões possam parecer distantes do universo musical, se torna urgente a fomentação de tal debate a fim de entendermos como os mecanismos de racismo e poder se revelam em nossa prática docente.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora



do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2021, p. 58-59).

## 2. O hip hop enquanto pedagogia

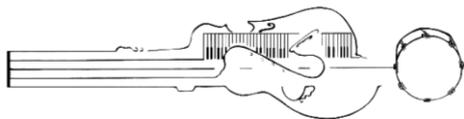
Ao assumirmos que o movimento hip hop é uma pedagogia de cultura negra que emerge das ruas, como dito anteriormente neste trabalho, reconhecemos sua potencialidade como ferramenta pedagógica para uma formação educacional artística musical antirracista. Mas para além disso, entendemos que o hip hop é político, pois assume um lugar de resistência, luta e denúncia do racismo.

A chegada do Hip Hop brasileiro às ruas criou condições para que o movimento passasse a assumir, cada vez mais, uma postura política de confronto em relação às condições de vida dos negros brasileiros. No interior dos bailes a posição política do público era mais de resistência, sem recair, no entanto, num choque mais direto com aqueles que ocupavam o lugar de discriminadores. Portanto, o Hip Hop adotou como nas letras de *raps* o tema da luta contra o racismo, o preconceito e a discriminação racial (AMARAL; CARRIL, 2015, p. 134).

Todavia, é necessário que haja a contextualização do surgimento deste movimento no Brasil, suas principais influências e o caráter pedagógico que ele carrega. Sabemos que o hip hop é um movimento artístico de cultura negra, sendo assim é incontornável para nosso debate trazer a questão da raça, bem como os desdobramentos do racismo, preconceito e discriminação racial na contemporaneidade. E no caso específico deste trabalho, busca-se entender a questão racial a partir de uma perspectiva educacional artístico musical.

A década que marca o surgimento do hip hop no Brasil é a década de 80. Tendo como principal influência o hip hop norte americano, no Brasil ele se reconfigura assumindo uma nova postura, ao mesmo tempo que não se separa da principal característica, que por sua vez, é fundamento do movimento, ou seja, a conscientização racial de negras e negros. Nos EUA o hip hop surge na década de 70 devido à repercussão dos movimentos de direitos civis dos anos 60, tendo como principais figuras Martin Luther King, Malcom X, os Panteras Negras e outros.

No Brasil, em paralelo com os EUA, negras e negros se organizavam na luta por seus direitos, através da consciência e reconhecimento de sua história e cultura. Exemplo disto é o Movimento Negro Unificado (MNU), responsável pela mobilização política negra no país. “O MNU combina problemas de raça e classe como foco de sua preocupação” (GONZALEZ, 2020, p. 113).



Como parte atuante na construção do processo expressivo da cultura hip hop, o rap exerce papel fundamental em sua forma musical e artística, ao mesmo tempo que, por intermédio de seu discurso cancional, é capaz de trazer a denúncia e a violência que atinge jovens negros em nosso país.

Os traços de identificação que compunha e definia o movimento Hip-Hop eram as presenças do Rap e dos rappers, do break e dos breakers, do grafite e dos grafiteiros, por fim dos DJs e das posses. Sendo que cada um desses elementos possuía sua linguagem particular; mas que inter dialogavam, formando um movimento musical único e específico (AZEVEDO; SILVA, 2015, p. 217)

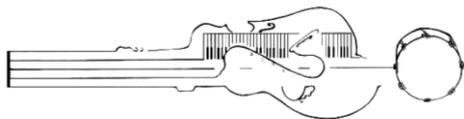
Contudo, é importante ressaltar que mesmo o hip hop exercendo forte influência na música, em especial no rap como estilo musical, o hip hop não se configura como um gênero musical (ROSA, 2006). Sua manifestação consiste na construção de quatro elementos primários, são eles: o break (dança de rua), o grafite (pintura feita nos muros das grandes cidades), o DJ (disc-jóquei) e o rapper, ou Mestre de Cerimônia (MC). No entanto, há ainda um quinto elemento que muitos integrantes do movimento hip hop o consideram como fundamental, esse elemento é a consciência racial advinda da construção, elaboração, luta e resistência do povo negro na busca por seus direitos.

A democratização do acesso à educação, cultura e lazer também são temas centrais que caracterizam este quinto elemento. Todavia, não podemos nos esquecer que as práticas exercidas no hip hop enquanto manifestação da cultura negra são heranças da diáspora africana no Brasil.

O mais importante é o que Afrika Bambaataa chama de quinto elemento: “conhecimento de si mesmo e da comunidade”, criado com a ideia de que nenhum dos outros elementos importa a menos que haja propósito para a vida e conexão com a comunidade (AMARAL; CARRIL, 2015, p. 172).

Assim como o Movimento Negro é responsável por trazer uma conscientização racial e, conseqüentemente, uma formação educacional acerca dos saberes ancestrais trazidos pelos negros escravizados da diáspora africana para o Brasil, o movimento hip hop também é responsável por colaborar na formação educacional de jovens negros periféricos.

Interessante é perceber como essas manifestações acontecem e se dão enquanto comunidades, cujo principal objetivo é emancipar jovens negros. Exemplo disto é o próprio rap, aqui o entendendo como gênero musical e como comunidade, que em seu interior e a partir de suas narrativas atuam como comunidades pedagógicas ao que veremos de forma mais detalhada no tópico seguinte deste trabalho.



### 3. O rap enquanto comunidade pedagógica

[...] A alma guarda o que a mente tenta esquecer  
Olho pra trás, vejo a estrada que eu trilhei, mó cota  
Quem teve lado a lado e quem só ficou na bota  
Entre as frases, fases e várias etapas  
Do quem é quem, dos mano e das mina fraca  
Hum, nego drama de estilo  
Pra ser, se for tem que ser  
Se temer é milho  
Entre o gatilho e a tempestade  
Sempre a provar  
Que sou homem e não um covarde  
Que Deus me guarde, pois eu sei que ele não é neutro  
Vigia os rico, mas ama os que vem do gueto  
Eu visto preto por dentro e por fora  
Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória<sup>73</sup>

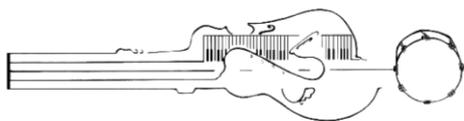
Pensar no discurso cancional de “Negro Drama” é pensar em memória, em ancestralidade, em poesia e principalmente na manifestação da música negra enquanto agente transformadora de uma comunidade, assumindo desta forma seu caráter pedagógico.

Esse caráter pedagógico do Rap brasileiro confere-lhe a capacidade de deslocar as posições fixas do sistema social criticado, mas não só estas. Em um mesmo movimento, ele critica também o sistema social de onde se originou, por isso o Rap pode se converter em um potencializador da revisão da conduta pragmática da comunidade onde se desenvolve (ROSA, 2006, p. 52).

O rapper traz suas vivências ao mesmo passo que ao falar de si fala do outro, e ao falar do outro, representado pela denúncia que atravessa a população negra no Brasil, ele fala de si. O rap é um lugar de memória, mas não de qualquer memória, ele é o lugar que evoca uma memória e um saber ancestral sob uma perspectiva afrocentrada. Ele é a memória da

---

<sup>73</sup> Cf. “Negro Drama”, quinta faixa do disco lançado pelo Racionais, *Nada como um dia após o outro dia* (2002).



pele escura do povo negro, como nos rememora o seguinte verso da canção “Negro Drama”:  
“Eu visto preto por dentro e por fora/Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória”.

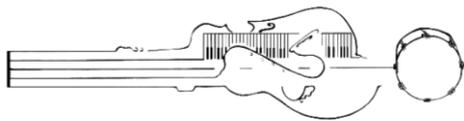
Na educação musical podemos pensar não só o rap, mas também o movimento hip hop, como ferramentas pedagógicas que emergem de comunidades periféricas, da auto-organização das periferias como meio de existência e inserção do negro nos espaços outrora a ele negados. É o movimento hip hop responsável por criar laços e partilhar saberes entre os seus através da ideia de comunidade. “O discurso do rap entra na escola como um espaço do contradiscurso, de resistência e de crítica ao sistema educacional vigente, concebido como um agente de reprodução de um sistema de dominação” (FERNANDES; MARTINS, 2016, p. 190).

É interessante observar a partir da análise do discurso cancional, como os mecanismos de racismo se reinventam na contemporaneidade e, no caso específico deste trabalho, como um dos mecanismos de racismo da nossa sociedade atual aparece em nosso sistema educacional brasileiro.

O ponto de vista do negro pobre, com pouca instrução escolar, morador da periferia e que não se deixa humilhar por nada disso, ainda é uma novidade tão grande na nossa história que para alguns ficou sendo a principal característica e o principal valor do Racionais. Mais importante que o lugar desprivilegiado de onde o grupo vê a sociedade, no entanto, creio que seja a extensão privilegiada que o seu olhar alcança: com inteligência, ele enxerga não apenas a violência na vida das pessoas das camadas baixas (“aqui não tem santo”), mas enumera a violência generalizada, praticada de vários modos de alto a baixo em toda a nossa sociedade — e principalmente praticada do alto para baixo, o que dá o que pensar (GARCIA, 2003, p. 172).

O sentimento de atraso, de não adequação às novas tecnologias são exemplos da sensação de inferioridade que acomete o negro. Esse sentimento será exposto na segunda parte na canção, onde Mano Brown, ao falar de suas experiências enquanto jovem negro fala do outro, o outro marginalizado, criminalizado e violentado pelas diferentes formas de racismo e violência social.

Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho  
Só que tem que  
Seu jogo é sujo e eu não me encaixo  
Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval  
Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal



Problema com escola eu tenho mil, mil fita  
Inacreditável, mas seu filho me imita  
No meio de vocês ele é o mais esperto  
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto

No trecho da canção selecionado acima, podemos observar a partir dos elementos trazidos por Mano Brown, como se dá a construção da relação entre negro e escola, ao mesmo tempo que ele não deixa de fazer uma crítica ao sistema capitalista e educacional vigente em nossa sociedade. Como podemos observar nos seguintes versos, “Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho/Só que tem que/ Seu jogo é sujo e eu não me encaixo”.

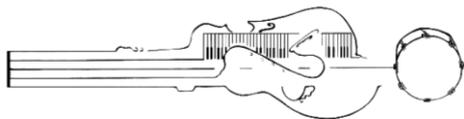
Ainda no mesmo verso, Mano Brown ao denunciar as formas de saberes institucionalizadas em nossa sociedade, evoca para o seu discurso cancional saberes ancestrais, que não só para ele, mas para toda a comunidade negra, são historicamente reverenciados. Ao resgatar a “ginga” e a “gíria” como potencializadores de conhecimento, ele resgata o orgulho que estes saberes tem para o povo negro, representados em toda a sua corporeidade como parte de nossa herança africana.

O esquecimento ativo de uma história pontuada pelo sofrimento, pela humilhação, pela exploração, pelo etnocídio aponta para uma perda de identidade própria, logo reafirmada alhures (o que é compreensível em face das pressões raciais no próprio país). Só que não se pode deixar de levar em conta a heroica resistência e a criatividade na luta contra a escravização, o extermínio, a exploração, a opressão e a humilhação. Justamente porque, enquanto descendentes de africanos, a herança africana sempre foi a grande fonte revificadora de nossas forças (GONZALEZ, 2020, p.136).

Poderíamos ainda levantar diversas outras questões que atravessam o sistema educacional brasileiro, principalmente o de ensino de artes nas escolas públicas do Brasil. No entanto, acredito que as discussões até aqui levantadas a partir do discurso cancional de “Negro Drama”, sejam suficientes para a compreensão do leitor acerca do que se propõe discutir no âmbito das relações pedagógicas musicais, que é a questão do negro a partir das concepções de arte, música e ciência.

#### **4. Considerações finais**

Entender o movimento hip hop e o rap enquanto ferramentas pedagógicas para uma educação crítica, engajada e, principalmente, antirracista, é perceber e assumir possibilidades outras de emersão do conhecimento a partir de práticas não convencionais e, até mesmo, não



legitimadas pelo universo musical. Contudo, a promoção da discussão a qual este trabalho se propôs realizar foi de entender como o movimento hip hop, através de seus elementos enquanto manifestação artística de cultura negra, e as letras de rap podem atuar na potencialidade de saberes que emergem de uma perspectiva e memória ancestral.

“Nossa arte negra é aquela comprometida na luta pela humanização da existência humana, pois assumimos com Paulo Freire ser esta - ‘a grande tarefa humanística e histórica do oprimido- libertar-se a si mesmo e aos opressores’” (NASCIMENTO, 2016, p 204).

## Referências

AZEVEDO, Amailton Magno; DA SILVA, Salomão Jovino. Um raio X do movimento Hip-Hop. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negrows/as (ABPN)**, v. 7, n. 15, p. 212-239, 2015.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. 2022.

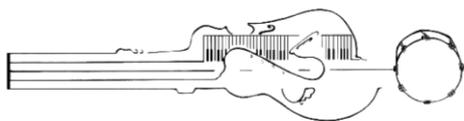
DO AMARAL, Mônica GT; CARRIL, Lourdes (Ed.). *O Hip Hop e as diásporas africanas na modernidade: uma discussão contemporânea sobre cultura e educação*. Alameda, 2015.

FERNANDES, Ana Cláudia Florindo; MARTINS, Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, p. 183-200, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GARCIA, Walter. Ouvindo Racionais MC's. *Teresa*, n. 4-5, p. 166-180, 2003.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Editora Vozes Limitada, 2019.



GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Editora Perspectiva SA, 2016.

ROSA, Waldemir. *Homem Preto do Gueto: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro*. 2006.